

A implantação do PROEJA no IFAC/campus Rio Branco: um olhar a partir das narrativas dos atores envolvidos

The implementation of PROEJA no IFAC /campus Rio Branco: a view from the narratives of the actors involved

Recebido: 22/07/2021 | Revisado:
19/11/2023 | Aceito: 19/11/2023 |
Publicado: 03/04/2024

Irismar Silva Fernandes

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3354-7307>
Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre
E-mail: irismarfernades32@gmail.com

Mario Sergio Pedroza Lobão

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1835-5056>
Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre
E-mail: mario.lobao@ifac.edu.br

Renata Gomes de Abreu Freitas

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1243-6074>
Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre
E-mail: renata.freitas@ifac.edu.br

Como citar: FERNANDES, I. S.; LOBÃO, M. S. P.; FREITAS, R. G. A.; A implantação do PROEJA no IFAC/campus Rio Branco: um olhar a partir das narrativas dos atores envolvidos. *Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica*, [S.l.], v. 1, n. 24, p. 1-24, e12822, Abr. 2024. ISSN 2447-1801.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 Unported License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Resumo

O Programa de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade Educação de Jovens e Adultos (Proeja) é uma política governamental institucionalizada pelo Decreto n.º 5.840/2006, com a dupla finalidade de elevar a escolarização e proporcionar a qualificação profissional do público jovem e adulto. Frente à ausência de documentos e de registros, estabelecemos esta pesquisa com o objetivo de verificar o perfil do corpo docente e discente do Proeja, bem como as condições de implantação do programa no Instituto Federal do Acre (Ifac), campus Rio Branco. Para tanto, foi analisado o contexto histórico de fundação da instituição, as planilhas Sistema Nacional de Informações da Educação Profissional e Tecnológica (Sistec), as características comuns aos sujeitos investigados e suas narrativas sobre o processo de implantação. Para a realização desta pesquisa elegemos o método dialético, com abordagem qualitativa, de caráter descritivo e explicativo do fenômeno investigado. A coleta de dados deu-se através dos instrumentos questionários e entrevistas narrativas, os quais foram interpretados com suporte na hermenêutica dialética. Quanto ao perfil dos discentes, verificamos que os concludentes são em maioria mulheres, além disso há uma unicidade nas expectativas e percepções sobre o programa e o Ifac. Os docentes eram especialistas, mestres e doutores, mas não detinham experiência com o público alvo do programa.

Palavras-Chave: Proeja; Ifac; Narrativas

Abstract

The Program for the Integration of Professional Education with Basic Education in the Youth and Adult Education modality (Proeja) is a government policy institutionalized by Decree No. 5.840/2006, with the dual purpose of increasing schooling and providing professional qualification to the public young and adult. Due to the absence of documents and records, we established this research with the aim of verifying the profile of the Proeja faculty and students, as well as the conditions for implementing the program at the Federal Institute of Acre (Ifac), Rio Branco campus. Therefore, the historical context of the institution's foundation, the National Information System for Professional and Technological Education (Sistec) spreadsheets, the characteristics common to the investigated subjects and their narratives about the implementation process were analyzed. To carry out this research, we chose the dialectical method, with a

qualitative approach, with a descriptive and explanatory character of the investigated phenomenon. Data collection took place through questionnaires and narrative interviews, which were interpreted based on dialectical hermeneutics. As for the profile of the students, we found that the graduates are mostly women, in addition there is a uniqueness in the expectations and perceptions about the program and Ifac. The professors were specialists, masters and doctors, but had no experience with the program's target audience.

Keywords: Proeja; Ifac; Narratives

1 INTRODUÇÃO

As desigualdades sociais são inerentes às sociedades capitalistas (BOTTOMORE, 1988). É consolidando, inconscientemente ou não, essa máxima que a história da educação no Brasil se lapidou, posto que indissociável a ela encontra-se a disparidade educacional entre as classes dominantes e dominadas. Foram mais de três séculos de negação, à classe trabalhadora, do acesso à educação formal, o que gerou uma imensa dívida social a ser adimplida não com meras ações compensatórias, como se tentou fazer com programas focais direcionados a sanar as necessidades mercadológicas, mas sim com propostas educacionais que visem à formação integral do cidadão, numa perspectiva de emancipação e transformação social.

Nesse sentido, emerge-se o Programa de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade Educação de Jovens e Adultos (Proeja), a fim de ofertar Educação Integral aos trabalhadores. Ele se constitui como um projeto educacional, instituído a partir do Decreto n.º 5.478/2005, com uma matriz curricular que unifica trabalho, ciências, cultura e tecnologia, cujo objetivo era a promoção de uma sociedade mais igualitária, com formação integral do cidadão e inclusão social (BRASIL, 2005). Esses fatores vão na contramão das concepções dos diversos programas implementados até então.

No momento de sua criação, todos os Institutos Federais aderiram ao programa. Todavia, atualmente, ele é ofertado em poucos dos IF's, sendo o Ifac, campus Rio Branco, um dos que deixou de executá-lo. Outrossim, ainda que tenhamos buscado estudos que explicassem a interrupção da oferta no referido IF, não foram localizados documentos ou registros nesse sentido, motivo pelo qual entendemos ser necessária a averiguação do processo de implementação e do perfil dos sujeitos envolvidos, com fito a identificar se a realidade atual é originada na gênese do programa.

Inclusive, a pertinência desta pesquisa encontra amparo justamente na carência informativa em torno das causas da descontinuidade da oferta do programa na instituição de referência. Isso porque, segundo averiguado, não foram feitos levantamentos, pesquisas ou quaisquer outra ação para saber quem são e quais as dificuldades desses sujeitos durante a implantação e execução do programa. Por esse motivo, as vozes interlocutoras envolvidas restaram silenciadas durante toda a trajetória do programa até este momento de reavivamento.

Portanto, neste estudo verificaremos o perfil do corpo docente e discente do Proeja, bem como as condições de implantação do programa no Ifac, campus Rio Branco. Para tanto, dado o pouco quantitativo de documentos escritos na instituição pesquisada referente à temática, conforme explanado acima, recorreremos à coleta de informações diretamente com os agentes que atuaram no programa, por meio da aplicação de questionários e de entrevistas narrativas.

Destacamos, oportunamente, que o Proeja teve execução em outras municipalidades – tais como Cruzeiro do Sul, Xapuri e Sena Madureira. No entanto, limitamos o lócus de pesquisa ao campus Rio Branco, em razão da sua precursoriedade, bem como em virtude dos altos índices de matrículas e, paradoxalmente, de evasão nele registrados. Por isso, foram analisadas as planilhas do Sistema Nacional de Informações da Educação Profissional e Tecnológica (Sistec) somente no âmbito do campus Rio Branco, além de unicamente buscados profissionais e discentes vinculados a ele.

Nessa medida, desenvolvemos um estudo qualitativo, com natureza exploratória e explicativa do fenômeno investigado. Para coleta dos dados envolvidos, foram utilizados mecanismos digitais – principalmente, o *Whatsapp*, o *G-mail*, o *Google Forms* e o *Google Meet*. Uma vez colhidos, foram analisados através de um confronto de informações, comparando os documentos oficiais com as narrativas dos interlocutores do Proeja.

Os dados obtidos na investigação foram analisados e os resultados organizados para serem discutidos em três subseções complementares entre si. Na primeira delas, é feita uma retrospectiva da Educação de Jovens e Adultos no Estado do Acre, trazendo-se, ao final, um breve histórico do Ifac, campus Rio Branco. Na segunda, apresentaremos o perfil do corpo docente e discente do Proeja. Por fim, na terceira, serão trazidas as condições de implantação do programa no local de pesquisa.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para realização desta pesquisa escolhemos a abordagem qualitativa, de caráter descritivo e explicativo do fenômeno investigado. Justifica-se a opção no inegável reconhecimento da pesquisa qualitativa, pela comunidade científica, no que concerne aos estudos envolvendo seres humanos e suas relações sociais (COSTA; COSTA, 2013).

Nesse tipo de investigação, o pesquisador é o principal instrumento. Nesse sentido deve adentrar na situação investigada, considerando o ambiente natural como fonte de dados, uma vez que os fenômenos são influenciados pelos seus contextos, sendo as circunstâncias que um objeto se insere essenciais para sua compreensão.

2.1 LOCAL DE PESQUISA

Como lócus dessa análise, elegemos o Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Acre (Ifac) campus Rio Branco. Esse está situado na Av. Brasil, n.º 920, bairro Xavier Maia, na cidade de Rio Branco, capital do Estado do Acre. A escolha encontra subsídio em dois motivos específicos – o campus Rio Branco foi um dos primeiros a ofertar os cursos do Proeja no Acre e foi também o que registrou os maiores percentuais de ingressantes no programa.

2.2 TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados, foram utilizadas duas técnicas, que neste estudo específico se complementam, quais sejam: o questionário e a entrevista narrativa. Quanto à aplicação dos questionários, apontamos suas principais contribuições para o processo investigatório: A abrangência, pois facilitou o acesso a informantes que não residiam mais no Estado do Acre; e a possibilidade de identificação prévia dos sujeitos com disponibilidade e interesse em participar do estudo.

Paralelamente, a técnica de entrevistas narrativas baseia-se na necessidade de diversificação e inovação da abordagem qualitativa, bem como, na busca por um processo de investigação que permita adentrar no pensamento experiencial dos sujeitos investigados. Além disso, as narrativas são consideradas um procedimento facilitador da reflexão do informante sobre as consequências da sua atuação na sociedade, posto que apresentam as inúmeras formas dos sujeitos interagirem com o meio, estabelecendo um hibridismo entre a história, o discurso e a significação fenomenológica (FLICK, 2009).

Nessa conjuntura, a coleta de dados foi estruturada em 3 (três) etapas. Em cada uma dessas, participou um dos três grupos de informantes, quais sejam, respectivamente: os ex-alunos do Proeja que estudaram no campus Rio Branco; os professores que atuaram no programa no campus Rio Branco; e os ex-coordenadores do Proeja.

A etapa I teve como informantes os ex-alunos do Proeja do Curso Técnico de Manutenção e Suporte de Informática, ofertado em 2010, e do Curso Técnico de Administração, ofertado em 2012. Para a seleção desses sujeitos, foi aplicada a técnica de amostragem não probabilística por conveniência ou não intencional, na qual estabelecemos como critério unicamente a participação em um dos cursos ofertados no programa e no local objeto desta pesquisa, sem preferência de gênero ou de qualquer outra natureza.

A reunião do grupo se deu a partir, primeiramente, da cessão, por parte de uma das professoras da época, de alguns contatos de ex-alunos que detinha. Esses, por sua vez, forneceram o contato de alguns outros, o que possibilitou o agrupamento de 21 (vinte e um) sujeitos informantes. Nesse grupo, foi disponibilizado o *link* de um formulário na plataforma *Google Forms* para que os alunos respondessem a um questionário, composto por perguntas abertas e fechadas, sendo esse respondido por todos os participantes do grupo.

Através do grupo de *Whatsapp*, foi também realizado o agendamento das entrevistas narrativas – segunda fase de coleta com esse grupo –, nas quais apenas 15 (quinze) ex-alunos participaram, ainda que se tenha tentado fazê-las com a totalidade. A diferença decorreu de empecilhos na realização das demais, oriundos em problemas pessoais dos discentes, tais como indisponibilidade de horário e questões de saúde pessoal ou familiar. Destacamos que para a manutenção do anonimato, os informantes dessa categoria foram identificados pela letra “A” agregada a ordem em que ocorreram as entrevistas, da seguinte forma: A1, A2, A3 [...] A15.

Para a realização dessas entrevistas narrativas foi organizado um tópico-guia que, conforme as orientações de Weller e Zardo (2013), continha perguntas amplas para estimular os informantes e favorecer a produção das narrativas. Sua estrutura estava organizada em 5 blocos temáticos, compostos por uma pergunta inicial e depois por perguntas indutoras. Essa técnica possibilita ao participante da pesquisa reviver suas memórias com autenticidade, haja vista que o investigador o deixará narrar livremente, sem interferências, e somente ao final, ou quando necessário, fará algum questionamento visando à retomada da narração para um determinado ponto que não tenha sido bem compreendido (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2015).

Finalizada a supra narrada etapa, iniciou-se a coleta com os docentes que atuaram no Proeja no campus Rio Branco, momento que chamamos de etapa II. Com esse grupo, aplicamos um questionário, por ser a técnica que “[...] atinge maior número de pessoas simultaneamente, que obtém respostas mais rápidas e mais precisas e que garante maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato” (OLIVEIRA *et. al.*, 2013, p. 8).

A aplicação do instrumento, ora mencionado, deu-se via *e-mail*, por meio do qual, foi encaminhada para os participantes a carta de apresentação da pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para questionários e um *link* para que respondessem ao questionário, com perguntas abertas e fechadas. Foram obtidas 20 (vinte) respostas de professores.

No que tange à etapa III da coleta, tivemos como informantes 4 (quatro) ex-coordenadores dos cursos do Proeja no Ifac campus Rio Branco. Para a seleção dos sujeitos, inicialmente constatamos com a ajuda de uma professora da instituição, que nos encaminhou uma lista com nomes e telefones dos ex-coordenadores do programa e nos auxiliou enviando, para estes, um *e-mail* de apresentação e explicação da pesquisa.

Posteriormente, fizemos contato, via *Whatsapp*, com esses sujeitos para agendamento da entrevista. Todos foram muito receptivos e aceitaram de imediato contribuir com a pesquisa. Ressalta-se que optamos por realizar, com essa categoria, somente a entrevista, porque, além de coordenadores eles foram também professores do programa, isto é, já haviam respondido ao questionário aplicado para o grupo de docentes. Registra-se, ademais, que para manutenção do anonimato dos participantes sua identificação será dada pela letra C somada ao número que representa a ordem da entrevista - C1, C2, C3 e C4.

Por fim, esclarecemos que, em virtude da realidade pandêmica mundial, na qual estamos inseridos desde março de 2020, ainda sem perspectiva de retorno à normalidade, bem como prezando pela auto incolumidade e a dos nossos entrevistados, todas as entrevistas foram realizadas por via da ferramenta *Google*

Meet. Não foram encontrados problemas de ordem técnica na execução da coleta, tão somente passamos por momentos de falhas na conectividade, mas nada que pudesse obstar a conclusão do feito.

2.3 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS

Com relação à análise dos dados coletados, este estudo está ancorado na hermenêutica dialética segundo a concepção de Minayo (2014), que a caracteriza como a arte do estranhamento e da crítica. Para a autora, o método apresenta duas fases históricas: a antiga – dos pré-socráticos a Hegel; e a moderna – de Hegel aos dias atuais. A partir dela, então, adotaremos as concepções da dialética marxista, pela qual vislumbramos a realidade como contraditória e mutável. Esse conceito, ademais, é correlato à visão etimológica do termo, na qual a dialética significa a arte de relacionar os contraditórios.

Seguindo o referencial adotado, a análise dos dados, assim como a coleta, foi subdividida, visando facilitar a compreensão das informações obtidas nas diversas fontes. Nesse contexto, sucedeu-se a análise dos dados coletados no questionário aplicado aos ex-alunos e no aplicado aos docentes, posteriormente, ocorreu a análise dos dados coletados nas entrevistas narrativas, tanto dos ex-alunos, quanto dos ex-coordenadores.

Cabe esclarecer que o questionário aplicado aos ex-alunos objetivava a obtenção prévia de informação sobre os sujeitos, tais como: gênero, idade, ano de início e finalização do curso do Proeja e profissão atual dos informantes. Nessa perspectiva, para facilitar a análise, os dados coletados foram transformados em gráficos, o que favoreceu a interpretação dos resultados e sua articulação com o referencial teórico. Para validação dos resultados obtidos no questionário, utilizaram-se os dados das planilhas do Sistec/2020.

Em sequência, focamo-nos nos dados do questionário aplicado aos docentes, com fito a estabelecer o perfil desses sujeitos. Assim sendo, foram estabelecidos 4 (quatro) parâmetros de análise - o gênero; a idade; o tempo de atuação no programa; e o nível de formação acadêmica. Da mesma forma que alhures, os resultados foram transformados em gráficos e tabelas para facilitar a compreensão e visualização das informações coletadas.

No que concerne à análise das narrativas, tanto nas entrevistas realizadas com os ex-alunos, quanto nas feitas com os ex-coordenadores, adotamos a mesma metodologia de análise. O processo teve início logo após a realização de cada entrevista, mediante a escuta geral de toda a narração gravada – momento em que se buscou “[...] a observação de homogeneidade e exaustividade; exclusividade e adequações e pertinências às ‘categorias empíricas criadas’” (RIBEIRO, 2017, p. 18).

Em seguida, fizemos as transcrições e os recortes das narrativas, com fito a estruturação de categorias temáticas, as quais foram definidas em concomitância com o próprio processo de análise. No universo dos ex-alunos, as categorias estabelecidas foram: 1. Sentimento do aluno ao iniciar o curso; 2. Entraves institucionais identificados; 3. Entraves pessoais vividos; 4. Percepção com relação à gestão de

ensino; 5. Sentimento ao sair do curso; e 6. Impacto do Proeja percebido em sua vida. Ademais, no cosmo dos coordenadores, as categorias foram: 1. Condições estruturais; 2. Condições pedagógicas; e 3. Experiência docente.

Por fim, foi feita uma triangulação para análise das informações coletadas, segundo a concepção de Marcondes e Brisola (2013). Desenvolvemos, a partir da técnica, um processo de comparação entre os discursos contidos nos documentos oficiais e os discursos narrados pelos participantes da pesquisa, articulando os dados coletados com os referenciais, a fim de satisfazer os objetivos formulados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 A EXPERIÊNCIA DO PROEJA NO IFAC CAMPUS RIO BRANCO

A Educação de Jovens e Adultos, no Acre, tem uma correlação com os movimentos sociais que insurgiram com a finalidade de reivindicar melhores condições de vida para a população, bem como lutar pela preservação do meio ambiente e da cultura local (SOUZA, 2011). A exemplo, destacamos o projeto seringueiro elaborado em 1981, o qual objetivava fortalecer as cooperações entre os trabalhadores e promover o acesso ao conhecimento, através da alfabetização.

De acordo com Allegretti (2002), durante o primeiro e segundo ciclo da borracha amazônica, o analfabetismo foi o principal meio de dominação dos seringueiros pelos seringalistas (detentores da força econômica e política da época). Fato que impulsionou os movimentos sociais a promoverem, na floresta, uma escolarização para os jovens e adultos, destinada à luta política, de maneira totalmente desvinculada da educação formal ofertada nas instituições de ensino dos polos urbanos.

Todavia, enquanto os povos da floresta tentavam se escolarizar numa perspectiva de luta pela ruptura da opressão estabelecida desde a ocupação do território acreano, nas cidades, a educação destinada aos jovens e adultos se consolidava correlacionada com a preparação de mão de obra para o mercado de trabalho. É válido ressaltar que, até meados do século XX, os governos locais estavam submersos a uma política de solidificação estrutural e embelezamento da capital do Estado, razão pela qual foram feitos grandes investimentos públicos em obras públicas, como o Palácio Rio Branco, o Mercado Velho, o Quartel de Polícia, além das duas pontes que ligam o primeiro ao segundo distrito, chamado por Moraes (2000) de binário de tráfego sudeste-noroeste (MORAIS, 2000).

Uma vez alcançados esses objetivos, os novos líderes do executivo deslocaram seus esforços a outras políticas, destacando-se, para nós, o movimento em busca de investimentos na escolarização básica e na formação profissional de jovens e adultos acreanos. As primeiras ofertas ocorreram através do Primário Dinâmico, curso com duração de um ano, equivalente às quatro primeiras séries do ensino fundamental (ACRE, 2008).

Posteriormente, entre o final da década de 60 e o final da década de 90, foram implantados diversos programas destinados à escolarização de adultos no Acre, via

de regra idealizados pelo governo federal ou pela Fundação Roberto Marinho¹. Dentre os quais, citamos: o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), cujo o objetivo oficial era erradicar o analfabetismo; o Programa de Educação Integrada (PEI), destinado à continuidade dos estudo até a quarta série; o Programa Minerva, com finalidade de possibilitar o acesso dos alunos concludentes do PEI aos últimos anos do Ensino Fundamental; e o Projeto João da Silva, destinado a promover o ensino das quatro primeiras séries do ensino fundamental (ACRE, 2008).

A partir dos dados apresentados, percebemos que até o início do século XXI, o Estado do Acre não tinha uma política governamental própria dedicado ao atendimento educacional dos jovens e adultos, realidade que viria a ser modificada somente em 2003, com a institucionalização da gerência da EJA pela Secretaria Estadual de Educação. Cabe ressaltar que paralelo ao que ocorria em nível local, também em nível nacional se instituíram políticas públicas de valorização da EJA, entre as quais salientamos a integração dela com a Educação Profissional, ofertada na Rede Federal, mediante o programa Proeja.

Nesse contexto, contemporaneamente, entrou em debate, ancorado na política de expansão da Rede Federal, um plano para criação de uma Escola Técnica Federal no Estado, o qual se consolidou, oficialmente, em 2006, por meio de um projeto de lei de autoria do Executivo Federal. Após intensa disputa política, em 29 de dezembro de 2008, a Escola Técnica, que ainda estava nas linhas dos projetos legislativos, foi efetivamente instaurada.

Implanta-se, então, em substituição ao plano original e com objetivo de corroborar para o estabelecimento de uma nova institucionalidade nacional, o Instituto de Educação, Ciências e Tecnologia do Acre (Ifac), através da política do governo federal de expansão e melhoria da Educação Profissional. Salientamos, ademais, que quando o Ifac foi criado, já estava estabelecida a obrigatoriedade da oferta do Proeja nos Institutos Federais, restando à instituição apenas o dever de cumprir o disposto em lei.

No que se refere à instalação do Instituto na cidade de Rio Branco, os dados levantados indicam que teve início em 2009, num anexo da biblioteca da Universidade Federal do Acre e em salas cedidas pelo Instituto Dom Moacyr². No entanto, as atividades práticas só iniciaram no ano de 2010, por um grupo de servidores remanejados de vários Estados do país, que promoveram os primeiros processos seletivos para alunos, bem como concursos para contratação dos primeiros servidores propriamente da Instituição, empossados no dia 21 de junho de 2010, no Teatro Plácido de Castro, em Rio Branco, Acre. Essa é, simbolicamente, a data do aniversário do Ifac (ACRE, 2014).

No segundo semestre de 2010, foram iniciadas as aulas para as primeiras turmas, no campus Rio Branco, dentre as quais destacamos a do curso Técnico de Suporte e Manutenção de Informática do Proeja, isto é, já nas ofertas iniciais o ensino

¹ A Fundação Roberto Marinho é uma casa de parcerias com instituições públicas e privadas, com quem forma uma rede de cooperação em prol da educação (BRASIL, 2021).

² O Instituto de Desenvolvimento da Educação Profissional Dom Moacyr é a antiga Gerência de Educação Profissional – GEPRO, DA SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO, que foi elevada à categoria de Autarquia Estadual através da Lei n.º 1.695, de dezembro de 2005, aprovada pela Assembleia Legislativa, a partir de uma proposta do poder Executivo (EDUCAEDU, 2021).

técnico destinado a jovens e adultos (Proeja) se fazia presente (ACRE, 2014). De acordo com as narrativas dos sujeitos investigados, as aulas inicialmente foram executadas de modo precarizado, em um prédio improvisado, localizado na Avenida Antônio da Rocha Viana, no qual as instalações eram totalmente inapropriadas para o funcionamento de uma instituição de ensino.

Figura 1: Vista da entrada do prédio provisório do campus Rio Branco



Fonte: Google Maps (2012).

Observa-se na imagem acima que o prédio supracitado não apresentava condições físicas adequadas para o atendimento dos 400 alunos matriculados na instituição à época. A despeito desse fato, assim se expressa A8, aluna concludente da turma de 2010, do Curso Técnico de Nível Médio de Manutenção e Suporte em Informática.

Quando a gente foi pra sala de aula era um campus ali na Antônio da Rocha Viana. Nossa! A estrutura era péssima. A gente ficava sem banheiro, porque não tinha água. Tinha problemas de energia [...] Questão de alimentação, a gente tinha dificuldade, porque não tinha cantina [...] Além das dificuldades estruturais, a gente começou a ter problemas também com laboratórios, porque só tinha um laboratório no campus antigo. A gente fazia o curso de informática, mas não tinha acesso à sala. Porque tinha outras turmas e os professores marcavam, agendavam, tinha que agendar o uso do laboratório e geralmente, a gente ficava de fora. Eu acho que no primeiro semestre a gente deve ter usado umas duas ou três vezes o laboratório (entrevista realizada em 01 de março de 2021, em Rio Branco, Acre).

Nesse mesmo sentido, corrobora uma das coordenadoras do programa Proeja à época, nomeada como C1. Para além dos problemas estruturais, ressalta a falta de materiais didáticos, veja-se:

Foi uma situação bem inusitada para os primeiros servidores a entrar no Ifac, porque estava começando, né? Não tinha nada [...] no primeiro dia de trabalho, nem lugar para sentar tínhamos.

[...] Os alunos faziam suporte e manutenção de informática, mas eles não tinham material didático para experimentarem, na prática, como isso iria funcionar. E isso atrapalhou muito a formação deles (entrevista realizada em 29 de março de 2021, em Rio Branco, Acre).

As condições narradas acima permaneceram por aproximadamente dois anos, com pouca ou nenhuma alteração das problemáticas enfrentadas pelos discentes e docentes. A realidade foi modificada somente com a mudança de prédios, ocorrida no início de 2012. O prédio para o qual migraram é onde hoje se localiza a sede do campus aqui descrito, a qual fora planejada para sanar as necessidades estruturais do público.

Portanto, percebemos que o problema estrutural foi atenuado, haja vista que a nova sede contava (e continua contando) com amplas salas de aula, laboratórios, biblioteca, auditório, refeitório, estacionamento, ginásio poliesportivo e espaço para atendimento e empreendimentos solidários em todas as microrregiões acreanas. Contudo, essa disponibilidade de recursos não foi suficiente para solucionar completamente a carência estrutural, pois sobreveio a ausência de políticas voltadas à distribuição igualitária das ferramentas entre os alunos, ficando os do Proeja em caráter subsidiário, reféns das sobras de horários de uso dos demais cursos. Sobre esse cenário, descreve A8:

Quando mudamos para o campus Rio Branco, a gente chegou lá com as mesmas dificuldades, a gente só tinha espaço, tinha as salas de aulas. Mas as mesmas dificuldades. Não tinha laboratório disponível pra gente. [...] Ferramentas!? A gente não tinha ferramentas, pra gente fazer aulas de redes ou então de cabeamento. O professor que dava aula da disciplina levava material de casa [...] E, era um alicate de crimpar, um alicate de cortar fio e um equipamento pra gente testar se o cabo tinha prestado ou não. Pra turma! [risos]. E a gente via que outras turmas estavam sendo beneficiadas e a gente não (entrevista realizada em 01 de março de 2021, em Rio Branco, Acre).

E complementa A9, outra concludente da turma de 2010:

Quando nós fomos para o campus Rio Branco, nós achávamos que a nossa vida estaria de boa, a gente estaria no nosso campus, a gente teria vários laboratórios. Mas não foi assim, né? A gente enfrentou novamente, no terceiro ano do curso, problemas de usar alguns laboratórios [...] Tinha muito conflito dos outros cursos, que queriam usar e diziam assim: “Ah! É o pessoal do Proeja! Ah! Eles não precisam do laboratório”. [...] A gente já tinha aquele estereótipo, né? “o pessoal do Proeja”. (Entrevista realizada em 27 de fevereiro de 2021, em Rio Branco, Acre).

Das falas transcritas, depreende-se que esses discentes se sentiam desvalorizados e numa posição de subsidiariedade, do mesmo modo que acreditavam que essa realidade perpassava o âmbito institucional, posto que havia se tornado um discurso entre os próprios discentes. Isso porque, na visão deles, a sua figura estudantil se tornou estigmatizada, reduzida a um estereótipo descrito como “o pessoal do Proeja”.

Conhecida a estrutura do campus objeto de estudo, bem como as dificuldades a ele atreladas, passamos à próxima subseção. Nela, apresentar-se-ão as vozes do Proeja (discentes e docentes), vozes essas que vivenciaram o processo de implantação e execução do programa no Ifac campus Rio Branco, entre os anos de 2010 a 2016.

3.2 PERFIL DOS INTERLOCUTORES DO PROEJA/IFAC CAMPUS RIO BRANCO

Ante ao teor desta pesquisa, sentimo-nos motivados a verificar o perfil do público atendido pelo programa no campus Rio Branco, dos docentes que atuaram no programa e, conseqüentemente, dos coordenadores, haja vista que todos os coordenadores eram também docentes. Foram estabelecidos parâmetros de estudo, a partir dos quais, unidos a dados numéricos complementares, delimitamos os elementos qualitativos predominantes em cada um dos grupos examinados, além das possíveis conseqüências desses no campo da implantação do programa.

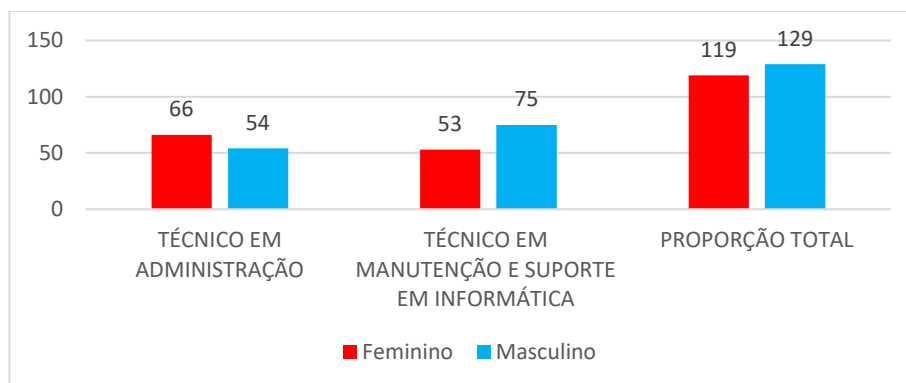
3.2.1 Discentes

Faremos agora uma imersão ao âmbito dos discentes. Nessa medida, partindo dos dados reunidos nas planilhas do Sistema Nacional de Informações da Educação Profissional e Tecnológica (Sistec) e também dos obtidos nos questionários, foram encontrados espectros sobressalentes no delineamento do perfil desses sujeitos, os quais abaixo serão discutidos.

O primeiro desses foi a distribuição de gênero dos alunos. Foi constatado, com base na interpretação das planilhas supracitadas, que no universo dos cursos oferecidos no campus ora estudado, quais sejam o Técnico em Administração e o Técnico em Manutenção e Suporte em Informática, há uma diferenciação no que tange à preponderância de um gênero e de outro.

No curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática o número de matrículas feitas por homens foi maior do que o número das feitas por mulheres; ao passo que no do curso Técnico em Administração a situação se inverte, mostrando-se uma turma constituída em sua maioria por mulheres. Ao analisar o número de matriculados sem distinção de cursos, nota-se que o número geral de homens matriculados é maior do que o número de mulheres. Veja-se o figura 2, elucidativo da situação aqui descrita.

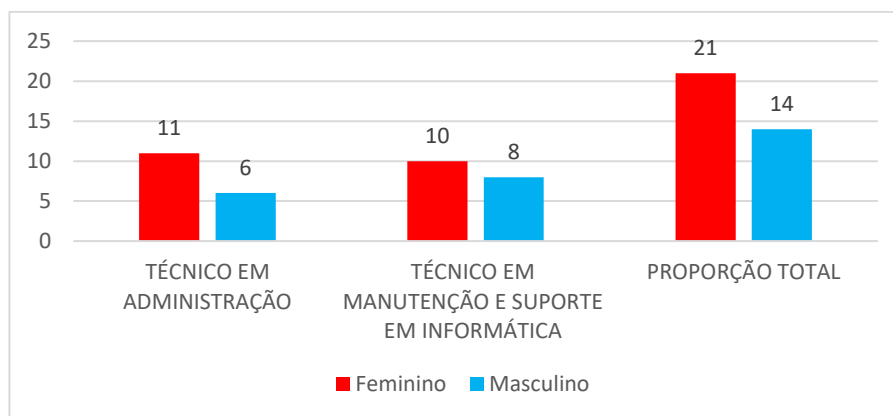
Figura 2: Distribuição dos alunos por gênero entre os cursos ofertados no Proeja



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da planilha do SISTEC/2020

Todavia, ao submergimos no microcosmo dos alunos concludentes, isto é, aqueles que obtiveram a certificação dos cursos no qual se inscreveram, percebemos uma curiosa inversão nos quantitativos de mulheres e de homens. Em todos os grupos analisados, seja no curso Técnico em Administração ou no Técnico em Manutenção e Suporte em Informática, o número de alunas concluintes é superior ao de alunos, o que, conseqüentemente, implica no mesmo resultado quando investigada a união de ambos.

Figura 3: Distribuição dos alunos concludentes por gênero entre os cursos ofertados no Proeja



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da planilha do SISTEC

Os números expostos nos gráficos acima, compilados com o número de evadidos do Proeja disponível na planilha do Sistec/2020 e desconsiderando a divisão em cursos, levaram-nos, tendo como parâmetro o gênero, à distribuição percentual em três grupos gerais: 1. Matriculados; 2. Concludentes; e 3. Evadidos, conforme o exposta na tabela a seguir:

Tabela 1: Percentual de matriculados, concludentes e evadidos do Proeja/Ifac, de 2010 a 2020

Gênero	Percentual de matriculados	Percentual de concludente	Percentual de evadidos
MASCULINO	52%	40%	54%
FEMININO	48%	60%	46%

Elaborada pelos autores a partir das planilhas do SISTEC/2020.

Os resultados apresentados indicam que o percentual de mulheres concluintes é superior ao percentual de homens em ambos os cursos, esse fato pode ter relação com os objetivos das mulheres no retorno à escola. De acordo com Cittadin e Badalotti (2015), as mulheres têm objetivos distintos dos homens quando voltam à rotina escolar, pois historicamente foram marginalizadas socialmente, com a supressão dos seus direitos e, na atualidade, ainda lutam para quebrar paradigmas e garantir sua participação na sociedade.

Por isso, quando retornam a uma instituição de ensino, carregam consigo a perspectiva de melhores condições de vida, a vontade de adquirir novos conhecimentos, de conhecer pessoas e também de garantir sua empregabilidade – que é sinônimo de independência. “Nesta mesma linha de raciocínio, especificamente as mulheres quando voltam a estudar ou ingressam pela primeira vez, propiciam a si a chance da libertação de identidade, expressão, sentimento de sujeito ativo e emancipador” (CITTADIN, BADALOTTI, 2015, p. 7).

A despeito disso, trazemos as narrativas de três alunas do Proeja/Ifac. A primeira, aqui identificada como A3, destaca que “[...] estava vivenciando uma **nova etapa**, começando a escrever uma **nova história**” (entrevista realizada em 24/02/2021 em Rio Branco, Acre, grifo nosso). A segunda, identificada como A10, assim se expressa “[...] Eu não vou ficar só aqui, não vou só terminar meu ensino médio, **eu quero crescer, quero mais** [...]” (entrevista realizada em 02 de março de 2021 em Rio Branco, Acre). A terceira entrevistada, identificada como A2, demonstra claramente sua empolgação ao narrar o seguinte “[...] Me sentia uma caloura, já me via **lá na frente** [...]” (entrevista realizada em 23 de fevereiro de 2021 em Rio Branco, Acre, grifo nosso).

Outro ponto de confirmação dos fatos narrados pode ser percebido nas respostas obtidas no questionário, quando os indagamos sobre as suas expectativas e sentimentos quando entraram no curso do Proeja. Reunimos as palavras mais mencionadas nos instrumentos de coleta e estruturamos no organograma abaixo, com o auxílio da plataforma online *mentimeter*, sendo o tamanho de cada palavra proporcional à frequência de citação.

Figura 4: Sentimentos envolvidos ao iniciar o curso no Proeja



Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

Concluimos, a partir dos dados coletados, que o público do Proeja, ofertado no Ifac, campus Rio Branco, predominantemente feminino, nutria expectativas e sentimentos acerca do retorno à escola que ultrapassavam os limites da simples aquisição do certificado de conclusão da Educação Básica. Nesse contexto, os aspectos supramencionados, apontam para a relevância de uma proposta educacional para jovens e adultos que exceda as arestas do ensino exclusivo das disciplinas e que considere as especificidades de um público heterogêneo, marcado por inúmeras configurações de exclusão social (ARROYO, 2018).

Outra descoberta relevante desse estudo ocorreu quando os entrevistados foram indagados sobre a profissão que exerciam. Nesse momento, relataram, além do ofício atual, se detinham nível superior ou não. Verificamos, então, que dos 15 (quinze) entrevistados, 8 (oito) possuíam nível superior completo ou em conclusão – importante salientar que todos desse grupo haviam concluído o curso no Proeja. Isto é, quase 60% (sessenta por cento) desses sujeitos buscaram ampliar a sua formação acadêmica, através de níveis mais elevados de ensino.

Esses dados contrapõem o paradigma enraizado ao longo dos tempos, de que os jovens e adultos na sua totalidade buscam uma formação aligeirada, fato que subsidiou políticas públicas para o público focalizadas apenas no processo de alfabetização, desvinculado de ações de incentivo à verticalização do ensino. Pelo respondido, pode-se compreender que para esse grupo a educação se configura, por certo, no que preconiza Freire (1987) – autonomia, liberdade e esperança de um mundo melhor.

Insta esclarecermos que os alunos que não concluíram os cursos também demonstraram em suas narrativas que o programa possibilitou algum impacto na sua vida, seja profissional ou acadêmica. Isso pode ser evidenciado nas falas de três ex-alunas, não concludentes, do curso Técnico em Administração. A primeira,

identificada como A2, aponta a contribuição do programa na sua vida acadêmica. Veja-se

[...] Eu hoje pratico o que eu aprendi no Proeja. Posso não ter o diploma, o certificado, mas o conhecimento que eu adquiri e a vontade que foi crescendo dentro de mim, pra aprender cada vez mais eu agradeço a cada professor do Proeja (Entrevista realizada em 23 de fevereiro de 2021 em Rio Branco, Acre).

A segunda, denominada como A5, pontua que o programa corroborou para uma promoção de cargo na empresa que trabalhava o que possibilitou um aumento salarial.

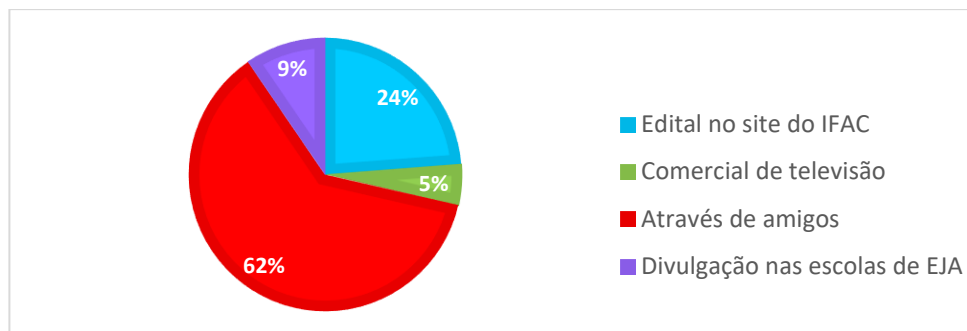
[...] Quando eu comecei a estudar no Ifac (Proeja) fui conhecendo mais coisas da administração e cheguei a ser a administradora do escritório (foi promovida) [...] Eu ganhava dois mil, quando entrei lá (se referindo ao Ifac) e depois que eu aprendi mais coisa da área da administração, que eu assumi a administração do escritório, meu salário subiu para seis mil (Entrevista realizada em 26 de fevereiro de 2021 em Rio Branco, Acre).

A terceira entrevistada, nomeada como A12, destaca que o conhecimento adquirido através do programa foi fundamental para se tornar uma empreendedora, dona do seu próprio negócio.

[...] Eu hoje administro meu próprio negócio, eu era funcionária antes e hoje eu sou proprietária da minha própria lanchonete. Então para mim mudou muita coisa, porque eu não sabia administrar e hoje eu sei, graças ao Proeja que me ensinou tudo isso, entendeu? (Entrevista realizada em 05 de março de 2021 em Rio Branco, Acre).

No perfil desses alunos, apuramos, complementarmente, os meios pelos quais esses personagens tomaram conhecimento do Proeja. Isso porque uma vez identificado onde está o público alvo potencial, facilita-se a delimitação de possíveis políticas de divulgação advindas de uma eventual retomada do programa. Para isso, estabelecemos três hipóteses, que acreditávamos ser as preponderantes – edital no site do Ifac; comercial de televisão; e através de amigos – e deixamos aberta a possibilidade de nos fornecerem respostas diversas por meio do recurso “outros”. O compilado dessas informações possibilitou a produção do gráfico a seguir.

Figura 5: Meios pelos quais os alunos tomaram conhecimento do Proeja



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados do questionário de pesquisa

Nessa medida, é notório que a maioria desses teve conhecimento do Proeja através de amigos. Isso indica que houve carência na divulgação do programa por parte da Instituição, pois o público alvo não foi diretamente atingido pelas estratégias estabelecidas. Dessa maneira, numa eventual retomada, para além do replanejamento execucional, é preciso desenvolver técnicas mais efetivas de difusão dos editais de seleção e dos benefícios da proposta pedagógica.

3.2.2 Docentes

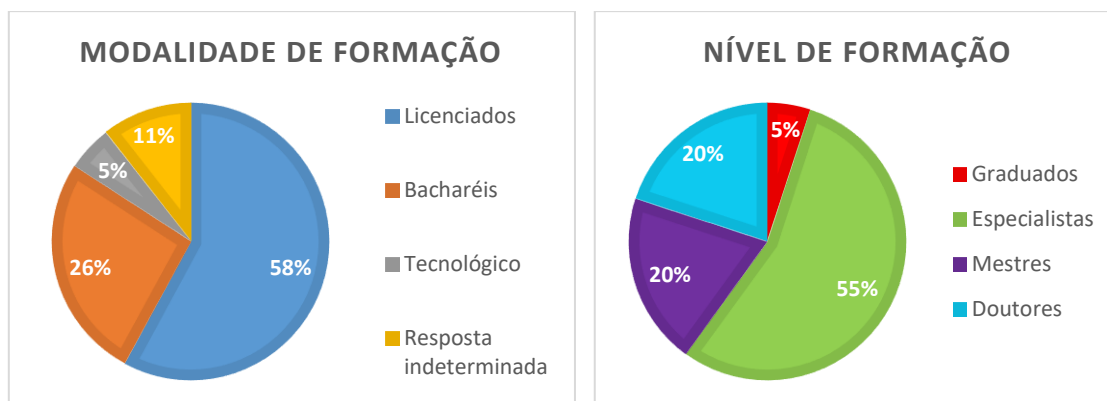
O espectro de estudo dos docentes foi delineado a partir dos dados obtidos com o questionário de pesquisa, o qual foi respondido por 20 (vinte) dos atuantes no Proeja. Nesse cenário, analisaremos, *a priori*, o parâmetro gênero. Destacamos que dos 20 (vinte) respondentes, 11 (onze) declaram-se homens, ao passo que 9 (nove) se declaram mulheres, o que perfaz, respectivamente, percentuais de 55% (cinquenta e cinco por cento) e de 45% (quarenta e cinco por cento).

Sobre o parâmetro idade, não estabelecemos intervalos no questionário, objetivando saber a idade exata desses sujeitos. Foram apuradas todas as idades, de modo que a mínima é 31 (trinta e um) anos e a máxima 54 (cinquenta e quatro) anos. Foi possível dividir as idades em três grupos: entre 30 e 39; entre 40 e 48; e acima de 50.

Nesse sentido, identificamos que a maior parte dos docentes tem, atualmente, entre 40 e 43 anos. Isso significa dizer que, à época de execução das turmas de Proeja aqui analisadas (2010-2016), detinham, em maioria, idades entre 29 e 37 anos, com relação ao ano de início; e idades entre 35 e 43 anos, com relação ao ano final.

Também foi delineado o parâmetro formação, com fito a visualizar quantos deles eram licenciados, isto é, habilitados para a docência; bem como qual nível de formação possuíam enquanto lecionavam. Quanto ao primeiro objetivo, constatamos que pouco mais da metade eram licenciados; sendo os demais bacharéis ou tecnólogos. Além disso, verificamos que a grande maioria possuía especialização, sendo apenas um somente graduado. Havia, ainda, 4 (quatro) mestres e 4 (quatro) doutores, conforme exposto nos gráficos abaixo:

Figuras 6 e 7: Modalidade de graduação/nível de formação dos docentes



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados do questionário de pesquisa

Percebemos, complementarmente, que todos os bacharéis e tecnólogos detinham especialização, haja vista a necessidade de complementação pedagógica para a prática letiva. Ademais, como se depreende do gráfico, 40% (quarenta por cento) dos professores tinham formação a nível de mestrado ou doutorado.

Durante a prossecução das narrativas dos ex-alunos, era recorrente o destaque quanto à formação e à capacitação dos professores. Entre os diversos elogios, exaltaram com bastante veemência a contribuição dos docentes na aquisição de novos conhecimentos e no desenvolvimento de algumas habilidades.

Esse é o caso de A8, aluna do primeiro curso de Manutenção e suporte de informática, quando narra o seguinte: “[...] o curso no Ifac foi a minha base para eu fazer meu ensino superior, realizar meu sonho de estudar na UFAC [...]” (entrevista realizada em 01 de março de 2021). Nessa mesma perspectiva, expressa-se A9 outra aluna do referido curso: “O Proeja me trouxe a UFAC [...] Ele me deu suporte lá nas disciplinas que eu passei [...] Hoje eu tenho essa visão muito humana da educação, graças a tudo que eu vivi no Ifac” (entrevista realizada em 27 de fevereiro de 2021).

Complementar à formação, analisamos o parâmetro experiência com o ensino de jovens e adultos em momento anterior à atuação no Proeja. Descobrimos que quase metade, (45%) dos docentes, nunca haviam trabalhado com o público. Essa ausência de contato, implicou na necessidade de formação específica destinada à preparação dos profissionais para a prática, dadas as especificidades do público, suas trajetórias, conhecimentos anteriores e carências didático-pedagógicas. É nesse sentido o apontado por Arroyo (2006, p. 24), quando esclarece que “O público da EJA são jovens e adultos com uma história, com uma trajetória social, racial, territorial que tem que ser conhecida, para acertar com projetos que deem conta de sua realidade e de sua condição”.

Conscientes da supra importância, enquanto último parâmetro, analisamos a participação dos docentes na elaboração dos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs) ofertados no Proeja. Os resultados demonstram um distanciamento entre os elaboradores e os executores dos PPCs dos cursos do Proeja, ofertados no Instituto Federal do Acre, dado que a grande maioria – 80% (oitenta por cento) dos entrevistados não participaram do processo de criação deles.

Inferimos, ademais, que o evento pode ter relação direta com a rotatividade³ dos profissionais que atuaram no programa, dado que 52% (cinquenta e dois por cento) dos entrevistados lecionaram por, no máximo, dois anos no Proeja. De acordo com Fonseca (2008), essa movimentação do docente é prejudicial, vez que a formação necessita de um “exercício constante que pressupõe olhar/intervir na prática e buscar fundamentação teórica para outra vez, de forma diferenciada, olhar/intervir na prática” (*Ibid.*, p. 90).

Portanto, no geral, o corpo docente do Proeja estava preparado academicamente, mas era carente de aprofundamento no âmbito do ensino de jovens e adultos. Esse fato corroborava para que, diante das dificuldades e das limitações da execução de uma proposta tão complexa, os docentes desistissem de trabalhar com o programa, uma vez que quase metade nunca havia tido contato com o público, além de não terem, em grande maioria, participado da elaboração dos PPCs.

3.3 CONDIÇÕES DE IMPLANTAÇÃO DO PROEJA NO IFAC, CAMPUS RIO BRANCO

Inicialmente, cumpre memorarmos que a implantação do Proeja se entrelaça com a história da fundação do Instituto Federal no Acre, isso porque os cursos do programa estão entre os primeiros que foram ofertados pelo Ifac, nos campus Rio Branco, Sena Madureira e Cruzeiro do Sul. Contudo, nos últimos anos, o Proeja tem perdido espaço, deixando inclusive de ser ofertado, sem expectativa de retorno no campus Rio Branco.

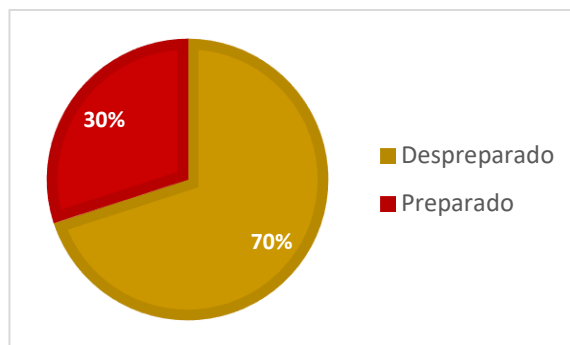
Outrossim, como não há muitos registros escritos acerca do enredo de implementação, optamos por coletar informações diretamente com os agentes que participaram desse processo. Analisando os dados obtidos, concluímos que o Proeja foi implantado de forma improvisada, sem as mínimas condições de funcionamento. A afirmativa ancora-se nas narrativas dos discentes e dos coordenadores do programa, além de ser complementada com as respostas do questionário aplicado aos docentes que atuaram no Proeja.

Em síntese, os docentes enfatizam que a implantação do Proeja foi confusa e conturbada. Primeiramente, em razão da falta de conhecimento especializado na modalidade e da experiência dos profissionais envolvidos – conforme aponta-se na subseção anterior, quase metade nunca havia trabalhado com o público. Segundamente, em virtude do distanciamento entre os alunos do programa e a instituição, originado na inexistência de uma política institucional que visasse acolher o público jovem e adulto no Instituto Federal.

Nesse tópico do questionário de perguntas, os docentes além de responderem se consideravam que o campus estava (ou não) preparado para ofertar o programa, também deveriam justificar sua resposta. Nesse ínterim, trazemos o gráfico a seguir, ilustrativo da percepção dos professores acerca do primeiro questionamento.

³ Define-se rotatividade de professores, como fluxo de entrada e saída dos docentes conforme seus interesses pessoais ou do sistema (FONSECA, 2007).

Figura 8: Opinião dos docentes sobre a preparação do campus Rio Branco para ofertar Proeja



Fonte: elaborado pelos autores, a partir das respostas do questionário de pesquisa.

Assim, na supra proporção, posicionaram-se os participantes, acreditando, em maioria, que o Ifac não está preparado para voltar a ofertar o curso do Proeja. Quando indagados das razões que os levaram à conclusão, apontaram alguns problemas atuais que obstarão o pretendido, dentre os quais destacamos a falta de: metodologia diferenciada para trabalhar com o público do programa; experiência de grande parte do corpo docentes; capacitação para os professores; conhecimento da proposta do programa; políticas e diretrizes para a elaboração dos currículos, escolhas dos cursos e ministração das aulas; infraestrutura adequada; estudo de caso voltado para a real necessidade da implantação; e de uma sede adequada, com laboratórios equipados para o desenvolvimento de atividades.

Entretanto, paralelamente à linha majoritária, percebemos a subsistência de professores que continuam atribuindo aos alunos a causa central da descontinuidade do programa, enfatizando os índices de evasão e a falta de adesão do público alvo. Esses posicionamentos, no cenário hodierno, fazem-nos recordar a luta de Paulo Freire para desconstruir o enraizado paradigma que sufocava as relações de opressão presentes nas sociedades capitalistas periféricas, no qual a causa da pobreza e da marginalização da classe trabalhadora era conferida ao analfabetismo.

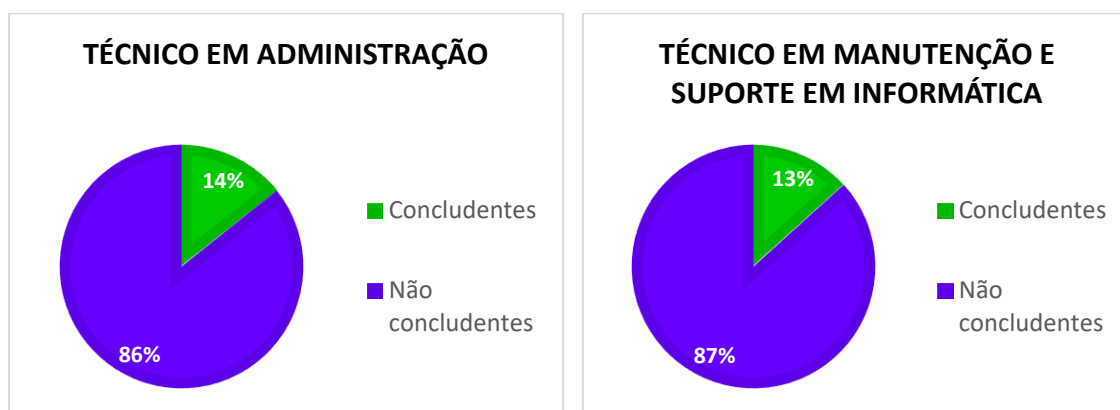
Nessa medida, Freire (1987) defende o literal oposto do paradigma social, argue que a pobreza, a marginalização e a subtração de direitos eram causadoras do analfabetismo e não suas causas, na medida em que o combate dessas mazelas pode reduzir, conseqüentemente, o índice de analfabetos. À vista disso, uma vez adeptos à ótica freiriana, advoga-se aqui que não se deve atribuir a descontinuidade aos alunos. É necessário, em contrapartida, identificar os motivos que levaram à inassiduidade desses sujeitos, além dos motivos da falta de procura por um curso que oferecia escolarização e formação profissional num Estado com índices consideráveis de pessoas com baixo nível de ensino e de qualificação para o mercado de trabalho.

Ante a conjuntura, analisamos oportunamente os índices do curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Manutenção e Suporte de Informática, primeiro curso do Proeja a ser ofertado no campus Rio Branco em 2010. O mesmo era oferecido no turno da manhã, tinha carga horária total de 2600h e era vinculado ao Eixo Tecnológico de Informação e Comunicação (ACRE, 2014). Em seguida, analisaremos o curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em Administração, o qual fora implantado

em 2012, ligado ao Eixo Tecnológico de Gestão e Negócios, com carga horária de 2420h (ACRE, 2014).

No exame dos dados levantados, verificamos que em ambos os cursos, percentualmente, o número de alunos formados, na somatória de todos os anos de ofertas, foi quase o mesmo, como pode ser visualizado nos gráficos demonstrativos do índice de conclusão de cada um desses dois cursos.

Figuras 9 e 10: Percentual de concludentes do curso “Técnico em Administração”/Percentual de concludentes do curso “Técnico em Manutenção e Suporte de Informática”



Fonte: Elaborados pelos autores a partir dos dados da planilha do SISTEC (2020)

A diferença de concludentes de um curso para o outro é de apenas um ponto percentual, sendo que cada grupo apontou um motivo predominante para o alto quantitativo de evadidos. Os alunos que estudavam durante o dia apontaram como a principal causa da evasão, o fato de que o horário do curso conflitava com o seu horário de trabalho. Enquanto que os alunos da noite destacaram como principal entrave o horário de saída do curso, haja vista que a aula terminava entre 22h30min e 22h45min, horário que destoava do ônibus – meio de locomoção da grande maioria dos estudantes. A respeito disso, assim se expressa a ex-aluna do curso Técnico em Administração, identificada como A12.

A gente saia do Ifac quinze para as onze, a gente tinha que sair derrubando uns aos outros, porque ou pegava o ônibus ou pegava o ônibus, entendeu? Era o último ônibus da linha. E nenhum professor, nenhum coordenador tinha consciência que a gente morava pegando dois ônibus pra chegar em casa, o horário era esse e pronto! Nós não éramos problema de ninguém. Então isso frustrava muito a gente. Quando dava dez horas a gente já não estudava mais, já ficava preocupado se ia pegar o ônibus ou não. Era uma tortura. [...] Então, isso aí, eu acho no meu ponto de vista, faltava a direção ver com outros olhos. Faltava uma vistoria melhor (Entrevista realizada em 05 de março de 2021 em Rio Branco, Acre).

Complementar à fala anterior, tem-se a narrativa de A11, um jovem de 30 anos, ex-aluno do curso Técnico em Administração. “Eu chegava em casa meia noite e meia. Minha família me apelidou até de madrugada” (entrevista realizada em 04 de março de 2021 em Rio Branco, Acre). Os dois alunos desistiram do curso, ele para cuidar dos filhos durante à noite e ela em virtude do falecimento do seu genitor. Ambos afirmaram que, embora tenham desistido por razões familiares, a questão do horário influenciou indiretamente.

Nas entrevistas com os ex-coordenadores do Proeja, a problemática narrada anteriormente é questionada e assim se posiciona uma das ex-coordenadoras, aqui identifica por D1: “Não houve discussão prévia, já estava tudo estabelecido” (Entrevista realizada em 29 de março de 2021 em Rio Branco, Acre). Na sua fala a entrevistada se refere ao fato de não ter sido possível considerar as reivindicações dos alunos, em virtude de toda a organização do Proeja ter ocorrido antes mesmo da contratação dos servidores.

A informante ainda destaca que a escolha dos cursos se deu de forma impositiva, sem discussão com a comunidade acadêmica do campus, dado que os cursos foram criados antes da posse dos servidores da instituição. Outrossim, na acepção de validação da narrativa, buscamos as informações nos dados documentais, os quais não apresentam indicativos concretos de que a escolha tenha considerado os arranjos produtivos locais, tampouco a demanda do público alvo.

Por conseguinte, é correta a conclusão de que não houve um planejamento prévio para a implantação do programa na instituição, haja vista as falhas estruturais, organizacionais e execucionais identificadas. Além de todo o exposto que corrobora para a tese, colocamos, em última análise, o discutido pela ex-coordenadora, chamada aqui de C1, quando elucida que os alunos foram selecionados antes mesmo de se compor o quadro de servidores: “A gente se deparou também com uma situação, de que nós tínhamos alunos selecionados e nem tínhamos servidores” (entrevista realizada em 29 de março de 2021 em Rio Branco, Acre).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infere-se, portanto, que a implantação do Proeja no Ifac, campus Rio Branco, deu-se de maneira desorganizada e carente de planejamento. Esse fato é percebido em diversos momentos desta pesquisa, veja-se a problemática estrutural, a falta de experiência dos docentes, a inexistência de formação prévia de professores, a inverossimilhança das ações institucionais e o consequente índice altíssimo de evasão.

Essa desorganização, ademais, é fruto do próprio processo de implementação do programa. Isso porque havia um instrumento legal – o decreto nº 5.840/2006 – a ser seguido, no qual era estipulado impositivamente a oferta do Proeja, sem discriminar de que forma deveria ocorrer ou considerar as especificidades regionais, dado que, enquanto alguns IFs detinham anos de funcionamento, o do Acre estava sendo fundado. Nessa medida, tampouco se priorizou as diretrizes estabelecidas no projeto do programa, que previam uma inclusão sócioeducacional, mediante a formação integral dos sujeitos.

O produto desse cenário foi a suspensão da oferta do Proeja poucos anos após a sua implementação. Essa descontinuidade foi atribuída tacitamente ao alto índice de evasão e à diminuição anual da demanda, os quais foram analisados de maneira descontextualizada, ignorando as causas dos referidos problemas, dada a omissão na oitiva dos sujeitos envolvidos.

Dessa maneira, este estudo se mostra extremamente relevante, vez que reaviva as vozes que deveriam ter sido ouvidas à época de execução, bem como as define, traçando um perfil do público alvo e dos profissionais que atuaram diretamente na implantação do programa. Além disso, numa perspectiva de eventual retomada, poderá ser utilizado enquanto subsídio para a definição das políticas e ações a serem adotadas para a não reincidência nas problemáticas aqui identificadas.

5 REFERÊNCIAS

ACRE. Instituto Federal do Acre (IFAC). **Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI 2014-2018**. Disponível em:

<https://www.ifac.edu.br/lai/documentos/PDI20142018.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.

ACRE. Secretaria de Estado de Educação. **Política e organização da Educação de Jovens e Adultos no Acre**. Rio Branco, Acre, 2008.

ALLEGRETTI, Mary Helena. **A construção social de políticas ambientais: Chico Mendes e o Movimento dos Seringueiros**. 2002. 826 p. Tese (Doutorado), Universidade de Brasília, 2002. Disponível em:

<https://acervo.socioambiental.org/acervo/tesesdissertacoes/construcao-social-de-politicas-ambientais-chico-mendes-e-o-movimento-dos> Acesso em: 09 jun. 2021

ARROYO, Miguel. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e responsabilidade pública *In*: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria; GOMES, Nilma (orgs.) **Diálogos na educação de jovens e adultos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 19-53.

ARROYO, Miguel. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos. *In*: BRASIL. Ministério da Educação. **Formação de educadores de jovens e adultos**. Brasília: Autêntica Editora, p. 17-32. Disponível em:

http://forumeja.org.br/un/files/Formacao_de_educadores_de_jovens_e_adultos_.pdf Acesso em: 25 mar. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 5.478, de 24 de junho de 2005**. Institui, no âmbito das instituições federais de educação tecnológica, o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 de junho de 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5478.htm. Acesso em: 10 jun. 2020.

BRASIL. Fundação Roberto Marinho. **A Fundação**. 2021. Disponível em: <https://frm.org.br/sem-categoria/a-fundacao/> Acesso em: 09 jun. 2021.

BOTTOMORO, Tom. **Dicionário do pensamento Marxista**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1988. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2543654/mod_resource/content/2/Bottomore_dicion%C3%A1rio_pensamento_marxista.pdf. Acesso em: 18 de fev. 2020

CITTADIN, Diego; BADALOTTI, Greisse Moser. **EJA e Mulheres: Os Motivos e Objetivos do Retorno das Mulheres à Escola na EJA Unidade de Urussanga-SC**, 2015. Disponível em: encurtador.com.br/bilo6 Acesso em: 30 maio 2021

COSTA, Marco Antonio; COSTA, Maria de Fátima. **Projeto de pesquisa: entenda e faça**. 4. ed, Petrópolis, RJ: vozes, 2013.

EDUCAEDU. **IDM - Instituto de Desenvolvimento da Educação Profissional Dom Moacyr**. Disponível em: <https://www.educaedu-brasil.com/centros/instituto-de-desenvolvimento-da-educacao-profissional-dom-moacyr-uni3585> Acesso em: 09 jun. 2021

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

FONSECA, Laura Souza. EJA:lutas e conquistas! – A luta continua: formação de professores em EJA. **Revista de Educação de Jovens e Adultos**, v. 2, n. 2, p. 1-161. Disponível em: http://www.drb-m.org/av1/20EJA_lutas_e_conquistas.pdf Acesso em: 02 jun.2021.

GOOGLE, INC. **Google Maps**. Captura da imagem em 2012. Disponível em: encurtador.com.br/afOX6 Acesso em: 30 abr. 2021

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama da cidade de Rio Branco**, [2021]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ac/rio-branco/panorama> Acesso em: 27 jan. 2021

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista narrativa. *In*: BAUER, Martin; Gaskell, George (orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MARCONDES, Nilsen Aparecida Vieira; BRISOLA, Elisa Maria Andrade. Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas. **Revista Univap**, São José dos Campos, SP, v. 20, n. 35, jul. 2014. Disponível em: <https://revista.univap.br/index.php/revistaunivap/article/view/228>. Acesso em: 10 maio de 2021.

MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2014.

MORAIS, Maria de Jesus. **Rio Branco-AC, uma cidade de fronteira: O processo de urbanização e o mercado de trabalho, a partir dos planos governamentais dos militares aos dias atuais**. 2000. 181 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2000. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/78996>. Acesso em: 01 abr. 2021.

OLIVEIRA, José Clovis Pereira *et. al.* O questionário, o formulário e a entrevista como instrumentos de coleta de dados: vantagens e desvantagens do seu uso na pesquisa de campo em ciências humanas. **III Congresso Nacional de Educação**, 2013. Disponível em: encurtador.com.br/bjDV9 Acesso em: 20 maio de 2021.

RIBEIRO, Josina Maria. **Agentes de combate às endemias no Acre: das histórias de vida à formação profissional**. 2017. 348 p. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Ensino de Biociências e Saúde), Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: encurtador.com.br/gFPV7 Acesso em: 12 nov. 2019.

SOUZA, José. **Entre lutas, porongas e letras a escola vai ao seringal (re)colocações do projeto seringueiro (Xapuri/Acre – 1981 / 1990)**. Universidade federal de Minas Gerais (UFMG) faculdade de educação (FAE) programa de pós-graduação em educação: conhecimento e inclusão social, Belo Horizonte/MG, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FAEC-8M7MST> Acesso em: 07 nov. 2020.

WELLER, Wivian; ZARDO, Sinara. Entrevista narrativa com especialistas: aportes metodológicos e exemplificação. **Revista da FAEEBA – Educação e**

Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 131-143, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/7444>. Acesso em: 22 set. 2020.